



Voz do Santuário

ÓRGÃO OFICIAL DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DAS PRECES

PROPRIEDADE DA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DAS PRECES • TELEFONE 912 DE GALIZES • DIRECTOR E EDITOR PADRE MÁRIO OLIVEIRA DE B

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO ALDEIA DAS DEZ • OLIVEIRA DO HOSPITAL • COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA DE COIMBRA, L.D.A. • LARGO DE S. SALVADOR, 1-5 • COIMBRA • TELEF. 24787

A

Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra
COIMBRA

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO Padroeira de Portugal



Cremos que Maria é a Mãe sempre Virgem do Verbo Incarnado, nosso Deus e Salvador Jesus Cristo, e que, em razão desta eleição singular, ela foi, em consideração dos méritos de seu Filho, resgatada de maneira sublime, preservada de toda a mancha do pecado original, e repleta do dom da graça, mais do que todas as outras criaturas.

Associada por um vínculo estreito e indissolúvel aos Mistérios da Incarnação e da Redenção, a Santíssima Virgem Maria, a Imaculada, foi, no termo da sua vida terrestre, elevada em corpo e alma à glória celeste e configurada ao seu Filho ressuscitado, antecipando a sorte futura de todos os justos.

Cremos que a Santíssima Mãe de Deus, Nova Eva, Mãe da Igreja, continua no céu a desempenhar o seu papel materno, em relação aos membros de Cristo, cooperando para o nascimento e desenvolvimento da vida divina nas almas dos resgatados.

(PAULO VI no Credo do Povo de Deus)

Visite o SANTUÁRIO de N. SENHORA DAS PRECES

A ESTRADA

Toda a nossa Esperança está na nova Câmara

Quis, e muito bem, o Ex.^{mo} Senhor presidente da Câmara, Doutor António Afonso Amaral, conhecer as maiores necessidades e mais justas aspirações das povoações do concelho de Oliveira do Hospital, e para isso encarregou as respectivas Juntas de Freguesia de lhe apresentar um pequeno relatório do que mais urgente importa fazer.

Certamente já todas disseram da sua justiça o que houveram por bem dizer. Não é pois descabido vir agora apresentar também a nossa pretensão que é uma justa aspiração, não só nossa, mas de todos os automobilistas que por aqui passam: — a nossa estrada, isto é, a estrada desde a Ponte das Três Entradas ao Vale de Maceira.

É esta estrada a única via de acesso ao mais belo Santuário das Beiras — a Senhora das Preces.

É esta estrada a única via de comunicação para os povos da serra e de ligação para os Serviços Florestais.

É esta estrada o único caminho para os milhares de pere-

grinos que todos os anos visitam a Senhora das Preces.

É por esta estrada que todos os anos rodam os milhares de carros e auto-carros e toda a espécie de veículos em dias de festa e da grande romaria.

É precisamente esta estrada que se encontra em péssimo estado, que não tem condições de segurança, que não tem largura suficiente; é esta estrada que os motoristas têmem e que afugenta os senhores turistas.

Pelo péssimo estado em que a estrada se encontra, o Santuário da Senhora das Preces perde freguesia, que o mesmo é dizer, perde receita e perde o

turismo regional que é hoje, em toda a parte, a melhor fonte de receita.

Quem nos pode valer? A Câmara Municipal é a única entidade a quem compete resolver o problema — e ela a dona da estrada.

Enquanto a Câmara Municipal não andar à frente com projectos, ou coisa parecida, de nada vale andarmos a pedir aos Senhores de Lisboa. É preciso que lá esteja o preto no branco, sem isso nada é feito.

Ora, a presidir aos destinos do concelho e a pugnar pelos seus interesses e melhoramentos

(Continua na página 4)

M A R I A É NOSSA MÃE

Bem certo é que nós não somos sem mácula bem certo é que nós sentimos que carregamos às

costas o pecado original, que ele se acoita nas nossas próprias veias! Porque não a invocar então, porque não rezar muito mais vezes A'quela que nos pode tornar puros?!...

ADVENTO

Assim como há um ano civil, que principia no dia um de Janeiro e termina no dia trinta e um de Dezembro, assim também há um ano religioso ou litúrgico, que principia no quarto domingo antes do Natal e termina no último domingo depois do Pentecostes.

O ano litúrgico é o tempo durante o qual a Santa Igreja nos faz reviver os principais mistérios da vida de Jesus, para nos fazer participar da Vida divina que eles contêm.

Divide-se em duas grandes
(Continua na página 4)

Quando as garras de Satanás nos procuram nas trevas, porque não levantar até Ela o mesmo grito que o filho atemorizado lança a sua mãe? Em vez de nos perturbarmos porque não havemos de lhe dirigir, uma vez, muitas vezes, docemente, amorosamente, aquela pequenina oração que Ela mesma veio trazer à terra: «Ó Maria, concebida sem pecado, rogai, por nós, que recorremos a Vós?!»

Depois de tudo isto, como não ter confiança? «Maria, diz-nos Bossuet, é a mãe de Deus para obter tudo, é mãe dos homens para tudo dar!»

ASSINE A VOZ DO SANTUÁRIO

DA VIDA DO PADRE CRUZ

Certamente muitos dos nossos prezados leitores já ouviram falar do Sr. P. Cruz, daquele santo velhinho, que há vinte anos faleceu em Lisboa, com 89 anos de idade, em fama de santidade.

Viveu sempre na maior humildade, sempre em íntima união com Deus e sempre entregue de alma e coração à vida de apostolado dos pobres, dos doentes dos hospitais e dos presos das cadeias.

Do Sr. Padre Cruz contam-se casos extraordinários, que bem mostram que era um homem de Deus.

O Sr. P. Cruz encontrava-se em Setúbal onde tinha ido fazer uma reunião às Filhas de Maria, na igreja da Anunciada e dirigia-se para a estação a fim de tomar o comboio para Montijo, quando foi abordado por um indivíduo mal vestido que lhe pediu para ir confessar um doente num bairro fora da cidade. Apesar do transtorno de

perder o comboio, como se tratava de um doente e no desejo de salvar uma alma, o Sr. Padre Cruz não hesitou um momento e dirigiu-se com o homem para casa do tal doente. Chegados à porta do casebre onde estava o suposto doente o homem ficou à porta e o Sr. P. Cruz entrou para o quarto do doente, e verificou que estava morto, rezou por aquela alma e ao sair do quarto disse ao homem que estava à porta e que o tinha acompanhado: «Já não cheguei a tempo...» Aterrorizado, o homem caiu aos pés, pedindo perdão e disse Eu e o meu companheiro tínhamos combinado matar o Senhor Padre Cruz; eu

fui chamá-lo e ele é que o devia matar, e mostrou-lhe um punhal que tinha escondido no lençol da cama.

O bom sacerdote apenas lhe disse que pedisse perdão a Nosso Senhor e fizesse uma boa confissão.

Deus velava o seu humilde servo.

O seu espírito de pobreza e o seu abandono à Providência eram tais que chegava a seguir à letra o conselho de Cristo. Não leveis nem bolsa, nem pão nem dinheiro.

Chegou a ver-se em sérios embaraços para pagar o bilhete de transportes e não ter dinheiro.

Mas para ele não era motivo de lamentações ou inquietações. Deus se encarregaria de resolver as dificuldades. E resolvia mesmo.

Uma vez encontrava-se em Mirandela com necessidade urgente de ir para Bragança, chamado por um doente em perigo de vida. Viu-se sem dinheiro, porque tinha dado tudo o que levava consigo. Que fazer? estava a salvação de uma alma em jogo; meteu-se no comboio mesmo sem bilhete.

Quando o revisor chegou e lho pediu, explicou-lhe que não tinha bilhete, nem dinheiro, mas precisava de chegar naquele dia a Bragança para confessar um doente.

O revisor não atendeu a explicação e na estação seguinte mandou-o sair do comboio. O Sr. Padre Cruz humildemente e sem dizer uma única palavra obedeceu.

O chefe da estação deu a partida, o comboio apitou, mas não andava. O maquinista examina a máquina julgando grossa avaria, mas não. Estava tudo no seu lugar e em ordem mas o comboio não arrancava, por mais esforços que fizessem.

O revisor contou ao maquinista o que se tinha passado e ambos foram pedir ao Senhor P. Cruz para retomar o comboio, mesmo sem bilhete e apenas o Sr. P. Cruz se sentou no seu lugar logo o comboio começou a andar seguindo a viagem normalmente enchendo todos de espanto e admiração.

Este caso foi muito contado e nunca desmentido pelo Caminho de Ferro.

Não se sabe bem de onde oriundos, pressentem-se já longínquos rumores da tremenda hecatombe que dois anos depois irá semear a destruição e a morte na Europa.

Não obstante, vive-se ainda em plena euforia de *La Belle Époque*.

Alem-Mancha, o tradicional poderio naval de Sua Magestade Britânica embandeirada festivamente em arco com a saída dos estaleiros da mais importante unidade da Marinha Mercante Inglesa.

É o *Titanic*, magestoso transatlântico de vinte mil toneladas, a última palavra da técnica da construção naval em segurança, em luxo, comodidade e conforto.

A última palavra? Sim, para a época...

No salão de festas desse luxuoso paquete fora colocada uma legenda com a qual os seus construtores pretenderam glorificar a sua própria obra.

Assim rezava: — *Nem Deus nos afundará!*

Era uma afirmação da eterna e insólita jactância do Homem.

Mas era mais e mais grave — era uma blasfêmia que ecoaria até aos Céus e que, por isso mesmo e como logo se verificou, não poderia ficar impune.

Numa manhã, como todas as dessa histórica Ilha, envolta em nublina, no meio do cerimonial do estilo, o «Titanic» levantou ferro para a viagem inaugural, cujo destino seria Nova York.

Entusiasmo delirante dos tripulantes e passageiros de uma lotação super-lotada. Supõe-se que três mil pessoas embarcaram nesse navio, cuja lotação era de duas mil e venderam-se passagens a preços astronómicos para a viagem inaugural, que

fatidicamente seria a única e a última.

Dir-se-á que essa viagem fora o grande acontecimento do ano na Inglaterra e no mundo pela repercussão que a tragédia pouco depois lhe daria.

Iniciada a partida entre o mais vivo e festivo entusiasmo, o magestoso navio ia sulcando paulatinamente as gélidas águas do Atlântico norte, transportando a bordo uma multidão de pessoas que só procuravam nos prazeres das libações e no rodopio da dança festejar o grande acontecimento.

NEM DEUS NOS AFUNDARÁ

O «champagne» crepitava e o «Can-Can» cortava alegre e ruidosamente o silêncio da imensidão daquele mar que dentro de momentos se tornaria a sepultura de milhares de humanas criaturas.

Ah!, se os homens pudessem antecipar-se às conquistas do futuro!... Mas certo é que o dom divinatório só a Deus pertence e, porque assim é, porque o «radar» só algumas décadas depois seria descoberto, a tragédia tornou-se tecnicamente possível.

E por muito que pesasse aos autores da infeliz blasfêmia com que o potente transatlântico fora glorificado, a tragédia consumou-se «num abrir e fechar de olhos», perante o espanto e o horror de uma multidão enbriada pelos prazeres mundanos e

de uma opinião pública mundial perplexa e atónita.

Um «iceberg» flutuando nas coordenadas da rota seguida pelo «Titanic», mas cuja presença obviamente nessa época ainda não poderia ser assinalada, fora o «instrumento» de que o Senhor se servira para demonstrar aos homens toda a sua eterna fragilidade e, quiçá, para os punir pela sua jactância de se suporem superiores ao próprio Deus que os criou e lhes deu o poder, um poder cuja exacta medida só Ele conhece.

O transatlântico seguia normal-

mente a sua marcha sulcando magestosamente as ondas atlânticas, transportando a bordo um pandemónio de euforia colectiva. Eis, porém, senão quando, aquela mole imensa de gelo na escuridão da noite se lhe depa-rou a estibordo e num momento em que já se tornara impraticável qualquer manobra para evitar a colisão com o luxuoso paquete.

E, então, deu-se o inevitável: — o navio, roçando por uma aresta do «iceberg» sob a linha de água, foi fendido longitudinalmente numa extensão de muitos metros; fora como se tivesse sido golpeado a fio de navalha.

O resto está na crónica do tempo. Não havendo possibilidade de colmatar a extensa brecha, o poderoso navio depressa se tornou preza fácil das águas.

O afundamento foi lento, pois demorou algumas horas, as suficientes para que a tripulação pusesse a salvo nos barcos salvavidas a maior parte dos passageiros que em tão dramáticas circunstâncias têm a prioridade — os homens velhos e inválidos, as mulheres e as crianças.

Mas, ao final, e já o navio a afundar-se pela proa, mais de duas mil almas, acotoveladas na popa, acompanharam para a imensidão do abismo esse magestoso navio que a jactância e a arrogância dos homens, num ultrage ao Altíssimo, glorificara

serenidade, partiram para a Eternidade, no largo Oceano uma só prece ecoava até ao Infinito as estrofes do suave e doce hino evangélico:

*Mais perto quero estar,
Meu Deus de Ti!
Ainda que seja a dor,
Que me una a Ti».*

Era a madrugada do dia 16 de Abril de 1912.

Em poucas horas consumara-se, uma das maiores tragédias marítimas de todos os tempos.

Como fora tal possível?

O «Titanic», o magestoso transatlântico que «nem Deus afundaria», afundar-se logo na viagem inaugural, jazer agora nas profundezas abissais?...

Mar? O acaso? Ironia do destino?

Não! Castigo para uma blasfêmia!

Bom seria que os homens que se supõem absolutos meditassem na lição desta história trágico-marítima.

(Do *Diário de Coimbra*)

VENDE-SE em ALDEIA DAS DEZ

No próximo dia 29 deste mês, às três horas da tarde, à porta da escola velha será vendida em haste pública, isto é em leilão, a chamada casa da Junta, sita à Praça, na povoação de Aldeia das Dez, que foi residência paroquial.

Reserva-se o direito de entrega no caso do preço não convir.

Assinaturas pagas

durante o mês
de Outubro

Com 15\$00 pagaram os Senhores:

António Afonso do Nascimento, Aldeia das Dez.

António Lopes Fontinha, Piódão.

Com 20\$00 pagaram os Senhores:

Arsénio Carlos Pereira, Porto de Mós.

Carlos da Conceição Mendes, Lisboa.

José Francisco Marques, Portimão.

José Moreira, Lisboa.

D. Maria do Carmo Pereira Mendes, Aldeia das Dez.

Arlindo de Oliveira Dias, Covilhã.

D. Gracinda de Jesus, Lisboa.

José Pinto, Aveiro.

Armando Gouveia, Baixa da Banheira.

José Pires Lourenço, S. Vicente da Beira.

Álvaro Guilherme, Arrentela.

D. Ana de Moura Hall, Aldeia das Dez.

António Lourenço Pacheco, Lisboa.

Adelino Marques Garcia, Caldas da Rainha.

Carlos Pais Quintino, Cimo da Ribeira.

D. Maria dos Prazeres Dinis, Quinta do Val.

Vasco Augusto Dias, Lisboa.

José Afonso, Vidago.

António dos Santos Dinis, Secolinho.

D. Maria da Ascensão, Angola.

Com 25\$00 pagou o Sr. António Luís Castanheira, Lisboa.

Com 40\$00 pagou a Sr.^a Dona Arminda de Jesus, Torres Novas e Alípio de Campos, Coimbra.

Com 50\$00 pagaram os Senhores:

Fernando Freire da Cruz, Lisboa.

José Lopes de Brito, Paço de Arcos.

José Marques da Fonseca, Amadora.

Com 60\$00 pagou o Senhor: Manuel Fontes Lourenço, França

Com 100\$00 pagou o Senhor: António Belo, Argentina.

Com 200\$00 pagaram os Senhores:

Serafim Pedro, Argentina.

José Tavares de Carvalho, Angola.

Conforme já se disse no jornal de Maio e seguintes, o preço mínimo da assinatura é de 15\$00. Por esse motivo e para não haver confusões, não se publicam importâncias inferiores à estabelecida.

As importâncias recebidas consideram-se atrasadas e por isso se recebem.

Nestas condições temos Dona Maria Moreira dos Santos, Dona Maria de Oliveira, José das Neves Madeira, D. Elisa Mendes da Fonseca, António Gonçalves, D. Soledade da Conceição Gouveia, Serafim Moreira, Eduardo Mendes Dias, José Pacheco, Armando Gonçalves, António José, José Lourenço.

CORTEJO DE OFERENDAS A FAVOR DA IGREJA

A igreja paroquial de Aldeia das Dez precisa com urgência de algumas necessárias reparações.

Toda ela é uma magnífica obra de arte que os nossos antepassados nos legaram, e que nós temos obrigação de deixar aos vindouros. Para isso temos de a conservar e reparar.

A igreja paroquial é o templo de Deus, é a morada de Jesus Sacramentado, é na terra a porta do Céu.

A igreja paroquial é a casa mãe da freguesia.

Embora cada lugar tenha a sua capela — e muito bem a igreja é a mãe.

Foi na igreja paroquial que todos se baptizaram; foi ali que a maior parte aprendeu a doutrina cristã, e realizou a sua comunhão solene.

Foi na igreja paroquial que muitos, aos pés do altar, realizaram o seu casamento.

É na igreja paroquial que está a pia do baptismo, onde

Aldeia das Dez

todos se tornaram cristãos e filhos de Deus.

A igreja paroquial é a casa do povo de Deus, onde, todos os domingos, todos se reúnem para rezar, cantar, e louvar a Deus.

Merece, pois, todo o nosso carinho e toda a nossa generosidade.

Este ano não haverá cortejo de oferendas a favor da Assistência. A igreja está primeiro e tem maior necessidade.

No dia 22 de Dezembro vamos fazer o cortejo a favor da igreja paroquial.

Prepara, pois, a tua oferta e abre o teu coração.

Se vives longe... hoje não há distância... manda a tua ajuda.

Não queiras que o teu nome fique em branco... escreve o teu nome no livro da vida.

As obras urgentes a fazer ainda irão para uns 30 contos. Não te assustes, os muitos poucos farão o muito. O que é preciso

é que ninguém se chegue para trás.

Falecimentos — No dia 12 de Novembro no lugar de Aldeia faleceu a Sr.^a Elisa da Costa Fonseca, de 74 anos de idade, viúva do Sr. José Mendes Duarte.

No dia 14 faleceu a Sr.^a Elvira de Jesus Dinis, de 57 anos de idade, casada com o Sr. José Fernandes.

No dia 17 faleceu o Sr. Guilherme António, de 88 anos de idade, casado com Ana dos Santos.

BANDEIRA DE S. BARTOLOMEU

Pois, como lhes disse, o saldo da festa de S. Bartolomeu vai ser aplicado na compra de uma bandeira do nosso santo padroeiro.

Já posso dar a notícia de que já se está a fazer em Braga e que deverá cá estar para o Natal. Também já estão compradas duas lanternas de procissões.

BANDEIRA DA SENHORA DAS DORES

O Sr. José Afonso, residente em Vidago enviou 500\$00 para a Senhora das Dores. Este donativo será aplicado para a ajuda da compra da bandeira da Senhora das Dores. Consta que há pessoas que tencionam também ajudar. Desde já agradecemos.

Já pagou a sua assinatura? Já viu se está em dia?

Lembre-se de que a vida do jornalzinho está nas mãos dos seus assinantes.



Se os esquecidos continuarem surdos e não se explicarem teremos de fechar a porta.

Veja bem, será por sua culpa?

Alvoco de Várzeas

Ao aproximar mais uma época natalícia, não quero deixar de desejar a todos os naturais desta freguesia quer se encontrem nela residentes, ou estejam noutro qualquer lugar, feliz Natal e Ano Novo cheio das bênçãos de Deus.

Igreja paroquial — Já se começou na recolha de donativos para o arranjo da mesma. Há outros menos compreensivos, o que terão também as suas razões. Nós vamos pois dar a mãos e metê-las à obra, dentro da lealdade e do esclarecimento para que todos saibam para onde dão o seu contributo. Num dos próximos números deste jornal aparecerão as comissões de Coimbra e Lisboa, para nos darem também a sua ajuda.

Baptismos — 7 de Julho, Luís Filipe, filho de Raimundo Gouveia Pais e Aida da Conceição Gouveia.

— 22 de Setembro, Célia Maria, filha de José Augusto dos Santos e de Arménia Dias Fontes Santos.

— 5 de Outubro, Maria Manuela, filha de José Bernardo Lobo e de Maria José da Silva Fonseca.

— 6 de Outubro, Maria de Lurdes, filha de António Francisco da Fonseca Alves e de Maria de Conceição Marques Mendes.

— 27 de Outubro, Ana Celestina, filha de Afonso de Almeida Porosa e de Lídia Correia da Cruz.

Que sejam bons cristãos.

Casamento — No dia 17 de Agosto, António da Cruz Correia, filho de António Nunes Correia e de Maria da Conceição da Cruz, com Maria Zulmira Mendes dos Santos, filha de José dos Santos e Benvinda de Jesus. Foram testemunhas, Manuel de Jesus Caetano e António Mendes Lobo. Felicidades para o novo lar.

Óbitos — No dia 17 de Setembro, Carlos Mendes Bailão, de 28 anos, filho de Diamantino Dias Bailão e de Emília dos Prazeres Mendes.

— No dia 31 de Outubro, António da Fonseca Pereira, de 81 anos, viúvo de Ermelinda Saraiva.

— No dia 19 de Novembro, José Lino Gouveia, de 84 anos, casado com Germano Dias, do Parente.

Paz às suas almas.

S. SEBASTIÃO DA FEIRA

Salão Paroquial — Tem esta freguesia uma casa que tem estado alugada para curral de gado ovino. Tem se falado em mandá-la arranjar, servindo de salão para a catequese e para

arrumação das alfaias da igreja. Com a ajuda do pinhal da igreja e de todos os naturais desta freguesia, dotados de boa vontade, poder-se-ia levar a cabo tal obra. Será possível? Espere-se a vossa resposta. Não vos caleis.

Baptismos — No dia 3 de Julho, Maria Helena, filha de António Pereira Alves e de Cidália de Jesus Alves.

— No dia 25 de Agosto, Cristina Maria, filha de António Afonso da Fonseca e de Maria de Lurdes Figueiredo.

— No dia 8 de Setembro, Sílvia Maria, filha de Adelino da Costa Luís e de Maria de Fátima Brito de Lemos.

— No dia 22 de Setembro, João Manuel, da Ponte das Três Entradas, filha de Jorge de Sousa e Costa e de Irene da Conceição Marques Dias.

— No dia 13 de Outubro, Rui Pedro, filho de Eurico Marques de Sousa Gouveia e de Adélia da Costa Gouveia.

Felicidades aos novos cristãos.

Casamento — No dia 28 de Julho, Manuel António Ferrão Lopes, filho de António Lopes e de Maria da Glória da Encarnação, com Maria Odete Matias Mendes, filha de Arnaldo Mendes e de Maria Ilda de Jesus Matias. Apadrinharam José Maria Mota e Joaquim Matias. Prosperidades ao novo lar.

NOSSA SENHORA DA LUZ

Alguém tem-se entretido a descobrir vários títulos aplicados à Mãe de Deus. E honras lhe sejam, pois muitos encontrou e registou nas colunas dum dos nossas mais afamados diários.

Um deles e dos mais simpáticos é o de *Nossa Senhora da Luz*.

Este nome, que está perfeitamente de harmonia com o Evangelho, cabe maravilhosamente à Mãe de Jesus.

Examinemos porquê. Jesus é a *Luz do mundo*, como consta do Evangelho de S. João. Quem lê o capítulo VIII deste sublime livro, deixado à Igreja pelo discípulo mais amado do Senhor, verifica nessa leitura que o Senhor de Si mesmo disse: *Eu sou a luz do mundo; quem me segue não anda em trevas, mas terá a luz da vida*. Ora Nossa Senhora é a Mãe desta luz. Concebeu e deu à luz o indivíduo Divino-humano, que, enquanto Deus, é Luz de Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro.

Acabava o Senhor de confundir a caterva de escrivas e fariseus que, sob a madrugada de certo dia, trouxeram junto d'Ele a desgraça adúltera, colhida em flagrante nos arraiais das festas dos Tabernáculos. No mencionado capítulo se encontra a narrativa comovente. Destroçados os inimigos que não se atreveram a atirar uma pedra àquela que julgavam digna de morrer apedrejada, o Senhor ficou no Templo e à sua beira só a mulher criminosa. Encontrou-se a Luz com a treva, a Misericórdia com a miséria. Voltamos à página do Evangelho e paremos no capítulo IX.

Um cego de nascença recupera a vista. Antes de lhe untar com a lama aqueles olhos que nunca tinham visto o esplendor do astro-rei, nem o cintilar das estrelas, nem os prados esmaltados de flores, nem o rosto da mãe a sorrir, o Senhor disse: *Importa que eu realize as obras d'Aquela que me enviou, enquanto é dia; vem a noite quando ninguém pode operar*. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo.

E a Virgem Mãe é que deu à luz esta luz. Por ela veio ao mundo sepultado em trevas a luz que ilumina todo o homem.

Não há dúvida, a palavra *luz* entende-se da luz natural, mas entende-se mais propriamente da *luz da alma*.

Deste modo podemos distinguir no mundo dos seres humanos quatro grupos de pessoas, pelo que diz respeito à posse da luz do corpo e da alma.

1.º — Há os que não têm visão do corpo nem visão da alma, são os cegos de corpo que trazem também a alma

sepultada em trevas. Nem vêem o sol do firmamento, nem vêem o sol da justiça, Cristo.

2.º — Há os que têm pleno uso dos olhos naturais, mas revolvem-se nas trevas da ignorância e do erro, relativamente à doutrina da Luz Eterna. São videntes cegos.

3.º — Há os que a natureza ou um defeito físico privou da visão natural, mas têm a alma sempre inundada da luz sobrenatural. São destituídas da visão terrena, mas são também focos de luz em si mesmos, e espalham a luz duma vida santa, cheia de exemplos de virtude, a irradiar virtude e perfeição.

4. — E finalmente há os que vêem com visão corporal, mais ou menos perfeita, e vêem também, com os olhos da fé, os problemas do além, os atributos de Deus, os mistérios da Redenção, os pormenores da vida da Graça.

*

Que dirá certo ouvinte (outrora foi leitor assíduo, e também assíduo colaborador de *A Voz do Santuário*, que dirá ele a respeito destas quatro modalidades de videntes e não videntes?

A Virgem Mãe, Senhora da Luz, se digne derramar e aumentar um conhecimento mais e mais luminoso da Luz Eterna, Luz de Luz, Luz do mundo, Luz das Nações, Luz resplandecente nas trevas, na sua boa alma, unida ao seu corpo destituído, ou quase, da visão natural.

Seja ele um paciente e resignado modelo de conformidade com a vontade de Deus, como o clássico Tobias da Antiga Lei, torturado com a destituição da visão terrena, que mais tarde lhe foi restituída.

Bendito seja o Senhor que nos traz certas cruzes em punição dos nossos pecados, e grandes rasgos de misericórdia sem nós a merecermos.

A D V E N T O

(Continuado da página 1)

partes ou ciclos: o ciclo do Natal que nos faz reviver o Mistério da Incarnação; — o ciclo da Páscoa, que nos faz reviver o Mistério da Redenção.

Num e noutro ciclo há um tempo de preparação: o Advento prepara o Natal; a Quaresma prepara a Páscoa.

Durante o Advento aprendemos a desejar ardentemente a vinda do Salvador, como os justos do Antigo Testamento; durante a Quaresma preparamos as nossas almas, com a oração e penitência, para o grande dia da Redenção.

O Advento que é constituído pelos quatro domingos antes do Natal e em que se celebra a Santa Missa com paramentos roxos, é pois um tempo de desejos, de aspirações e de espe-

rança, durante o qual a Santa Igreja procura fazer-nos sentir uma verdadeira fome espiritual, uma verdadeira necessidade da Redenção. Para o conseguir faz passar diante de nós, através das leituras escolhidas para a oração litúrgica da Santa Missa, a maneira como os mais santos do Antigo Testamento desejaram ardentemente a vinda do Salvador.

Neste tempo do Advento devemos nós desejar a vinda de Jesus às nossas almas e às dos nossos irmãos. Devemos preparar-nos para esta vinda com a oração e penitência, por uma vida mais santa, pois só assim é que Jesus virá nascer nos nossos corações. Só assim é que o Natal será para nós um dia de alegria verdadeiramente cristã.

NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO

Padroeira de Portugal

Foi D. João IV que proclamou Nossa Senhora da Conceição Padroeira de Portugal, em sinal de agradecimento da restauração de Portugal, realizada em 1 de Dezembro de 1640.

A proclamação da Padroeira de Portugal foi feita pelo próprio rei em 25 de Março de 1646. Desde este dia nunca mais os reis portugueses puseram na cabeça a coroa real, em homenagem a Nossa Senhora.

D. Afonso Henriques, nosso primeiro rei, pouco depois de ser proclamado rei, «tomou por especial advogada e madrinha a Virgem Mãe de Deus e debaixo da sua sagrada protecção e amparo, lhe ofereceu todos os seus sucessores, Reino e Vassallos com particular tributo em sinal de feudo e vassalagem».

«Reconhecendo ainda em mui avantajadas e contínuas mercês e benefícios da liberal e poderosa Mãe de Deus, por intercessão da Virgem nossa Senhora da Conceição, assentamos de

tomar por padroeira de nosso Reino e Senhorios a Santíssima Virgem Senhora da Conceição».

Portugal, desde o berço, foi sempre terra de Santa Maria e na verdade, através dos séculos, foi sempre sua especial protectora nos perigos e nas horas de aflicção. Ainda há bem poucos anos, em 1917, ela veio à terra portuguesa trazer a sua mensagem de amor aos portugueses e através deles, a todo o Mundo. Sejamos nós também filhos fiéis e dedicados, procuraremos cumprir os nossos deveres de cristãos, para que Ela continue a ser a nossa advogada, a nossa Padroeira, a nossa Rainha.

*Senhora da Conceição
Ó Padroeira! Ó Madrinha!
Não nos deixes ficar sós:
Não queiras ficar sòzinha.*

*Mãezinhas dos portugueses,
Senhora da Conceição,
Leva a guerra, traz a paz
Na palma da tua mão.*

A E S T R A D A

(Continuado da pág. 1)

temos o Ex.^{mo} Sr. Dr. António Afonso Amaral, cheio de dinamismo e de boa vontade de trabalho. Temos ainda o Sr. Dr. Vasco Manuel de Campos Lencastre — muito digno vice-Presidente, um novo cheio de vida, nascido e criado nesta linda região do Alva e às vistas do Colcurinho.

Se o rio Alva tem sido fecundo em dar músicos e poetas oxalá que agora nos dê também alguém

*Toda a nossa Esperança
está na nova Câmara*

que engrandeça e valorise esta tão linda região da Beira e este pobre e despresado Santuário.

Está pois o ramo, o poder, em boas mãos. Não lhes falta nem conhecimento, nem competência, nem ciência, nem força de vontade e nem *padrinhos*... que os têm e de boa marca, e nestes

assuntos são *eles* que abrem todas as portas.

É por isso que toda a nossa esperança está na nova Câmara, a quem pedimos todo o seu carinho e interesse pela nossa estrada, para bem da nossa região e para bem do mais antigo Santuário das Beiras.

«ONDE A TERRA ACABA E O CÉU COMEÇA»

Já aqui se disse que a capela de Nossa Senhora das Necessidades do monte do Colcurinho, se encontra em péssimo estado, que precisa de uma grande reparação, especialmente o altar.

Ora vem aí o sexto centenário da aparição de Nossa Senhora, no alto do Colcurinho.

Foi ali, pertinho da capela, que Nossa Senhora apareceu a uns pastorinhos (assim reza a história) em 1371. Portanto em 1971, daqui a cinco anos, faz seiscentos anos que a Nossa Senhora se dignou visitar a terra portuguesa, em momentos difíceis para Portugal, escolhendo o alto do Colcurinho, onde a terra acaba e o céu começa.

É preciso pois que o ano do centenário e jubilar de 1971 seja comemorado digna e festivamente e para isso é preciso arranjar a capela.

Todos os devotos de Nossa Senhora terão o prazer de ajudar a alindar a casa de Nossa Senhora — muitos por devoção, muitos por gratidão e todos por amor.

Violento

INCÊNDIO

Na madrugada do dia 1, manifestou-se incêndio numa casa desabitada na vizinha povoação de Alvôco de Várzeas, pertencente ao sr. Adelino Fontes, proprietário do «Café Moçambique», de Coimbra, onde reside.

Chamados os Bombeiros Voluntários de Oliveira do Hospital, estes limitaram-se a proceder ao rescaldo, pois o prédio, e todo o seu recheio, constituído por mobiliário, louças, roupas e produtos agrícolas, fora totalmente destruído pelas alterosas chamas. Dera origem ao sinistro, segundo se supõe, um curto-circuito.

Os prejuízos estão cobertos pelo Seguro.

Aos prezados assinantes e amigos

Comunicamos que a casa Bellos (antigo Chiadinho) espera a vossa visita agora pelo Natal.

É fim de ano. É a melhor oportunidade para as broas do Natal da Voz do Santuário. A casa Bellos agradece e nós também.